

RESPEITÁVEL PÚBLICO, O SENTIDO DO TRABALHO PARA O ARTISTA CIRCENSE VAI COMEÇAR!

RESPECTFUL PUBLIC, THE MEANING OF WORK FOR THE CIRCENSE ARTIST WILL BEGIN!

Daniela Siqueira Colet¹
Anelise Rebelato Mozzato²

Resumo

Este artigo tem como objetivo a compreensão do sentido do trabalho para os artistas circenses. Visando atingir o objetivo delineado, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, através da qual foi realizado um estudo de caso em uma organização circense. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas e observação não participante, abrangendo seis participantes. Os resultados revelam a importância que o trabalho tem na vida dos artistas circenses, não apenas pelo seu caráter instrumental, de ganho material, mas também por outros aspectos mais subjetivos, como o sentimento de ser importante e fazer a diferença na vida das pessoas. Os achados remetem que os múltiplos sentidos atribuídos ao trabalho são oriundos de experiências e vivências propiciadas pelo encontro desses indivíduos com a realidade do trabalho.

Palavras-chave: Sentido do Trabalho. Subjetividade. Artista Circense.

Abstract

This article aims to understand the meaning of work for circus artists. Aiming to reach the goal outlined, a qualitative research of exploratory nature was carried out, through which a case study was carried out in a circus organization. Data were collected through semi - structured interviews and non - participant observation, covering six participants. The results reveal the importance of the work in the lives of circus artists, not only because of their instrumental nature, material gain, but also by other more subjective aspects such as the feeling of being important and making a difference in people's lives. The findings point out that the multiple meanings attributed to the work come from experiences and experiences brought about by the meeting of these individuals with the reality of work.

Keywords: *Meaning of Work. Subjectivity. Circense artist.*

¹ Universidade de Passo Fundo

² Universidade de Passo Fundo

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo consiste em compreender o sentido do trabalho para os artistas circenses. No intuito de revelar o discurso referente à compreensão do trabalho mediante um processo de produção de sentidos, utilizou-se à epistemologia qualitativa desenvolvida por Rey (2005). Tal epistemologia é percebida nas ciências antropológicas como uma busca de compreensão da pesquisa como um processo de comunicação e de diálogo, tendo em vista que o homem se comunica permanentemente nos diversos espaços sociais em que vive.

O trabalho é uma condição fundamental na existência humana e uma importante fonte de socialização por viabilizar a relação dos indivíduos com o meio em um dado contexto, expressando-se como incessante fonte de construção de subjetividade, produzindo significado da existência e do sentido de vida (ROHM; LOPES, 2015). Mais que um meio de sobrevivência e acúmulo de riquezas, o trabalho tornou-se uma das principais dimensões da vida humana, de modo a interferir na inserção do homem na sociedade e delimitar os espaços de mobilidade social (SILVA; CAPPELLE, 2015).

Um trabalho para ter sentido deve garantir a sobrevivência, mas também pressupõe satisfação, autonomia, autorrealização e contribuição para a sociedade. Nessa lógica, os sentidos do trabalho são multifacetados, constituídos de diversas variáveis pessoais e sociais, como enfatizam Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012).

O circo, foco deste estudo, é considerado uma organização constituinte das denominadas indústrias criativas (BENDASOLLI; BORGES-ANDRADE, 2011) e são considerados uma arte milenar, caracterizada por uma estrutura organizacional nômade. Nas últimas décadas diversos indivíduos que não faziam parte da tradição familiar com o circo, considerado até então como organização centrada na família, tem ingressado nesse universo artístico, possibilitando (re)criar outras “maneiras de fazer” nestes processos organizativos (OLIVEIRA, 2014).

O tema desperta o interesse e chama atenção em razão de conhecer a tão afamada magia do circo, como compreender as relações entre o universo circense, “os de dentro” e o mundo exterior “os de fora”, seja do ponto de vista da inserção do circo na cultura popular, da apropriação que faz dos sistemas simbólicos, da contribuição que deu à arte e à cultura, ou de elementos formadores de sua própria história (COSTA, 2000).

Na literatura nacional nota-se que a organização circense é pouco explorada nos estudos organizacionais e a maioria das publicações encontram-se nos eventos da Anpad, como pode ser observado nos estudos desenvolvidos por Costa (2000), Oliveira e Cavedon (2012),

Oliveira, Cavedon e Teixeira (2014), Oliveira (2014), Oliveira e Mello (2014), Oliveira e Cavedon (2014) e Natt e Aguiar (2015). Portanto, julga-se importante os estudos nas organizações circenses, justamente na medida em que se olha o circo sob novos ângulos ainda pouco explorados.

Nessa ótica, torna-se relevante ampliar o entendimento do universo circense, conhecer os discursos produzidos a respeito do sentido atribuído ao trabalho pelos artistas circenses. Desse modo, a pesquisa tem como questão: qual o sentido do trabalho para o artista circense? O artigo visa contribuir, primordialmente para com o avanço das pesquisas científicas sobre o sentido do trabalho, e também para com o (re)conhecimento existente sobre a organização circense.

Por fim, após essa introdução, o artigo contempla a abordagem teórica, abordando em um primeiro momento o sentido do trabalho, prosseguindo-se para a organização circense. Na seção seguinte, apresentam-se os procedimentos metodológicos que orientaram os caminhos seguidos para realização da pesquisa. Na sequência os dados são analisados e interpretados. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sentidos do Trabalho

O trabalho é algo que acompanha o homem desde os primórdios da humanidade e embora tenha seus significados modificados no decorrer do tempo, o fato é que o trabalho sempre representou parte da identidade das pessoas, interferindo consideravelmente na concepção que fazem de si mesmo e dos outros (SILVA et al., 2013). Na contemporaneidade, os estudos sobre sentidos e significados do trabalho ganharam destaque devido às transformações que envolvem o mundo do trabalho, como a globalização da economia, a revolução tecnológica, as políticas neoliberais e a reestruturação produtiva (OLIVEIRA; PICCININI, 2011).

Nessa linha de análise, Morin (2001) afirma que se assiste a uma revolução no mundo do trabalho mediante a incorporação de novas tecnologias que acarretam impactos sobre a estruturação dos processos produtivos e do trabalho de uma forma mais ampla, trazendo consigo novas formas de organização e o desaparecimento de empregos permanentes: “ao mesmo tempo em que milhares de pessoas sofrem pela falta de uma vaga, outras sofrem pelo fato de terem que trabalhar excessivamente” (MORIN, 2001, p. 9).

O sentido do trabalho ultrapassa a antiga noção de que o trabalho era apenas um meio de subsistência na sociedade. As pesquisas demonstram que além de ser a principal fonte de sobrevivência para as pessoas, o trabalho é visto também como forma de ser aceito no meio social, interagir com outras pessoas, tornar-se membro de um grupo e se realizar enquanto ser humano (ANTUNES, 2003; SILVA et al., 2013).

Antunes (2003, p. 167) considera o trabalho “como fonte originária, primária, de realização do ser social, protoforma da atividade humana, fundamento ontológico básico da unilateralidade humana”, reconhecendo seu papel fundamental na gênese e na constituição social. Para o autor, o trabalho é uma experiência elementar da vida cotidiana em resposta às necessidades sociais. O trabalho é fundamental na vida das pessoas, engajando toda a subjetividade do trabalhador: é e continuará central em face da construção da identidade e da saúde, da realização pessoal, da formação das relações entre homens e mulheres, da evolução e da consciência da cultura” (VIANA; MACHADO, 2009).

Nesse sentido, o trabalho continua sendo algo de fundamental importância na vida das pessoas. Morin (2001) relata que em estudos realizados sobre os sentidos do trabalho, quando as pessoas foram questionadas sobre o que fariam com o seu trabalho caso ganhassem uma quantia de dinheiro suficiente para viver confortavelmente o resto da vida, 80% responderam que continuariam trabalhando da mesma forma. Os motivos para tal resposta estão no fato de que as pessoas se relacionam e interagem por meio do trabalho, sentem-se pertencentes a determinado grupo, têm uma ocupação e passam a ter um objetivo na vida.

Em outro estudo desenvolvido por Bendassolli e Borges-Andrade (2010) procurou identificar investigar o significado do trabalho para profissionais das indústrias criativas do Estado de São Paulo, na qual foi aplicado um instrumento canadense em 451 indivíduos de diversas indústrias criativas. Os resultados revelaram que os fatores mais associados a um trabalho que tenha significado para esses indivíduos são: a possibilidade de aprender e se desenvolver pelo trabalho, sua utilidade social, a oportunidade de identificação e de expressão por meio dele, autonomia, boas relações interpessoais e respeito às questões éticas.

Nessa linha de análise Viana e Machado (2009) argumentam que o trabalho representa o “fio” de equilíbrio da vida psíquica dos indivíduos, tendo em vista que o homem sem trabalho ou não reconhecido em seu trabalho, ou ainda não encontrando nenhum interesse no seu trabalho, está próximo da depressão e comumente chega a este ponto de ruptura. Complementarmente, Morin (2001) argumenta que o trabalho exerce influência considerável sobre a motivação das pessoas, tendo em vista que o “trabalhar” vincula-se à noção de ser

produtivo e isso é suficientemente capaz de repercutir em suas satisfações. Desse modo, a organização deve “oferecer aos trabalhadores a possibilidade de realizar algo que tenha sentido, de praticar e de desenvolver suas competências, de exercer seus julgamentos e seu livre-arbítrio, de conhecer a evolução de seus desempenhos e de se ajustar” (MORIN, 2001, p. 9).

Nessa lógica, com decorrer do tempo, o sentido do trabalho modificou-se, deixando de ser considerado um fardo necessário à sobrevivência, para tornar-se um meio de realização e valorização humana (SILVA et al., 2013). Conforme refere Antunes (2003), para que exista uma vida cheia de sentido fora do trabalho, é necessária uma vida dotada de sentido dentro do trabalho. De modo que não é possível encontrar sentido na vida, se não houver sentido no trabalho realizado.

Silva e Cappelle (2015) argumentam que os conceitos referentes ao trabalho demonstram que o sentido que o indivíduo atribui ao próprio trabalho tem considerável relevância na constituição de sua subjetividade. Embora o significado do trabalho modificou-se no decorrer do tempo, o fato é que o trabalho sempre representou parte da identidade das pessoas, interferindo consideravelmente na concepção que fazem de si mesmas e dos outros. Como afirmam Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004), o trabalhador constrói a identidade nas suas relações no dia a dia da sua vida, havendo a relação direta entre identidade, trabalho e relações (sociais e afetivas).

Complementarmente, Hayes et al. (1999), como mais recentemente Biron (2012), sugerem que flexibilidade psicológica (tranquilidade no ambiente de trabalho, nas suas escolhas, relações, etc) constitui-se como importante na promoção de saúde mental, ajudando os indivíduos a definir e realizar os objetivos que consideram significativos para si.

O sentido subjetivo representa uma unidade integradora de elementos diferentes, processos simbólicos e emoções, e é a integração desses elementos que define o sentido subjetivo. Este sentido, não aparece diretamente na expressão intencional do sujeito, mas aparecem de forma indireta na qualidade da informação, que pode ser identificada no lugar em que uma palavra se encontra numa frase ou em uma narrativa; na comparação de significações distintas que podem ser observadas em uma expressão, no nível diferenciado de tratamento de temas (SILVA; CAPPELLE, 2015).

Complementarmente Rey (2005, p. 22) evidencia que o conceito de sentido subjetivo sustenta à concepção de subjetividade e esta é legitimada pelo fato de ser “uma produção de sentidos subjetivos que transcende toda a influência linear e direta de outros sistemas da realidade.”

O trabalhador se reconhece como indivíduo na medida em que é capaz de produzir e vincular-se ao universo real e simbólico do trabalho. Nesse sentido reside a relevância de se investigar sobre os sentidos do trabalho, dado o papel que o mesmo assume na vida das pessoas, mesmo que mude de pessoa para pessoa. Entende-se que trabalhar, no sentido mais amplo, transcende a capacidade de entrega e os sentimentos e representações que o indivíduo emprega no seu ato diário de produzir.

2.2 A organização circense

A magia do circo remete a imaginação, fazendo as pessoas viajarem na alegria dos palhaços, nas acrobacias dos malabares e na beleza das cores. As artes circenses são consideradas milenares, sem um marco histórico de sua constituição, e são discutidas, enquanto processos organizativos, a partir de sua constituição por meio dos circos apresentando seus primeiros fragmentos com espetáculos nômades e pagos no século XVIII na Inglaterra, no período da Revolução Industrial na Inglaterra (SACCHI, 2009; PARKER, 2011).

Durante o século XIX, os espetáculos circenses apresentam grande influência na sociedade da época, principalmente, nas formas de divertimento e entretenimento da população e da burguesia. Como tal se proliferaram por toda a Europa, aumentando o número de companhias que se apresentavam, na sua maioria, em instalações estáveis, construídas em estrutura de madeira ao ar livre (sem cobertura), em anfiteatros ou em teatros adaptados (DUPRAT, 2007).

No Brasil as práticas circenses chegaram por volta do século XX, trazidas por imigrantes europeus. Estas famílias se manifestavam em apresentações teatrais. Os ciganos, vindos também da Europa, apresentavam-se ao público demonstrando habilidades como doma de urso e cavalos e ilusionismo (SACCHI, 2009).

O processo de aprendizagem das técnicas e práticas circenses era realizado oralmente entre aqueles que integravam e viriam a integrar a trupe. A continuidade do trabalho nas organizações circenses dependia, em grande medida, da formação familiar, na transmissão intergeracional dessas atividades, bem como na existência de espaços públicos nas cidades de forma a proporcionar o estabelecimento da estrutura circense, como a lona e os trailers (CUNHA, 2000; SACCHI, 2009).

A arte circense é uma miscelânea de várias artes, apresentadas em um palco, no caso o picadeiro. Atualmente, a arte circense pode ser dividida em três principais ramificações:

tradicional, que é a visão mais romântica do circo, constituída por famílias que há várias gerações vivem sob a lona; o novo circo, que está inovando a linguagem dessa arte, inserindo elementos teatrais e multimídia, buscando uma concepção contemporânea, sendo que a maioria de seus artistas não são de famílias tradicionais; e por fim os artistas de rua, que são uma constante, desde os tempos do Brasil império, e que sem lona e com muito improviso mantém a arte circense em sua essência mais simples (CUNHA, 2010).

Nessa linha de análise, Cunha (2000) argumenta que apesar de fortemente vinculado às suas origens, o circo está inserido nas organizações modernas, do século XXI, onde o tempo livre passa a ser foco de um mercado em expansão: o de entretenimento e diversões, mercado de prestação de serviços, onde as exigências do público são determinadas, no mínimo, pelo padrão que a tecnologia da TV e da informática oferecem. Na área específica dos espetáculos, o circo tem certamente grande experiência e muito a ensinar, justamente porque sua itinerância e seu caráter plural o fez capaz de desenvolver estratégias e fórmulas de adaptação imbatíveis.

Segundo Oliveira, Cavedon e Teixeira (2014) o processo de organização do circo, a exemplo do desenvolvido pelo *Cirque Du Soleil*, apresenta sua estrutura organizacional fixa, com espetáculos móveis e itinerantes. A caracterização do fixo remete à existência de um lugar sede, onde a estrutura organizacional remete à divisão social e formal do trabalho, a exemplo de uma empresa. Os artistas também não residem mais no circo, o qual passa a ser considerado somente como um local laboral. Por isso, a existência de centros de treinamentos e escritórios que cuidam da produção executiva dos espetáculos. As relações de trabalho são estabelecidas a partir de vínculos empregatícios, ou mesmo terceirizadas, e as relações familiares já não são base de organização das atividades.

Cabe destacar que muitos circos tradicionais constituídos por famílias que há várias gerações vivem sob a lona, não proveem dessa estrutura. Os circenses moram no próprio trailer aonde realizam os espetáculos. Realizam os ensaios e treinamentos no próprio lugar de trabalho. Organizam e limpam eles mesmos o circo e, além disso, não possuem vínculos empregatícios, apresentando uma estrutura organizacional diferente. Dadas diferenciações, destaca-se que na próxima seção deste artigo apresenta-se o percurso metodológico desenvolvido nessa pesquisa, a qual foi realizada num circo tradicional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para compreender o sentido do trabalho para o artista circense, optou-se pela epistemologia qualitativa desenvolvida por Rey (2005), percebida, nas ciências antropológicas, como uma busca de compreensão da pesquisa como um processo de comunicação e de diálogo. Tal percepção se dá tendo em vista que o homem se comunica permanentemente nos diversos espaços sociais em que vive.

Para Rey (2003) o sentido subjetivo se dá a partir da definição de sentido na sua relação inseparável com a subjetividade. Ou seja, ele define sentido como sentido subjetivo, os quais aparecem de forma indireta nas informações coletadas

Quanto ao procedimento técnico, constituiu-se em um estudo de caso, seguindo os procedimentos de Yin (2005; 2016). Por critério de acessibilidade, optou-se por investigar um circo de pequeno porte, que realizava shows numa cidade no interior do Rio Grande do Sul. O circo possui 12 artistas, sendo 6 brasileiros e 6 estrangeiros (argentinos e uruguaios). No período da realização da pesquisa, os artistas estrangeiros estavam de férias e haviam retornado aos seus países. Assim, caracterizam-se como sujeitos desta pesquisa os seis artistas circenses brasileiros.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, gravadas com a permissão dos entrevistados e posteriormente transcritas. Dos participantes discorrerem livremente sobre o tema tratado, ampliando as informações para análise. As entrevistas foram realizadas no próprio circo, com duração de aproximadamente quarenta minutos cada uma. Outra fonte de coleta de dados utilizada foi a observação não-participante, realizada no período em que as entrevistas foram realizadas. As anotações foram feitas em um caderno de campo ajudando a compor as análises.

Na concepção de Rey (2003), a análise das informações ocorrem por meio da captação e interpretação das expressões dos sujeitos de pesquisa. Assim, com as anotações de campo e transcrição das entrevistas, os fatos que foram identificados como importantes e marcantes foram evidenciados na sequência como representativos para a apreensão dos sentidos subjetivos presentes. Por meio dessa identificação ao de expressões e de emoções, indicadores de sentidos subjetivos foram destacados como categorias analíticas.

Sendo assim, o processo de construção não se orientou por concepção preconcebida, mas por um processo analítico reflexivo dos pesquisadores, os quais foram construindo o modelo teórico norteador da pesquisa. Nessa lógica e que os resultados são apresentados e discutidos na sequência.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Apresentando os artistas

No caso do circo, muitos artistas utilizam personagens, não revelando seu nome na maioria das vezes. Buscando também resguardar as identidades dos entrevistados opta-se por identificá-los com nomes de suas personagens. Assim, as participantes da pesquisa foram nomeadas como: palhaço, malabarista, contorcionista, trapezista, palhaço e homem pássaro. Cada um dos personagens são identificados no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa

O palhaço tem 25 anos; é casado e tem um filho; estudou até o primeiro ano do ensino médio; trabalha desde os 4 anos no circo como palhaço e obtém, nesta atividade uma renda semanal de acordo com o número de espetáculos que apresenta. O palhaço se apresenta todos os dias no circo e é filho de circenses.
O malabarista tem 21 anos; é solteiro e não tem filhos; estudou até o segundo ano do ensino médio; trabalha no circo desde pequeno onde além de malabarismo, também participa do globo da morte e obtém, nesta atividade uma renda semanal de acordo com o número de espetáculos que apresenta, e atua todos os dias da semana.
A contorcionista tem 22 anos; é casada com o homem pássaro e tem dois filhos; estudou até a oitava série; nasceu no circo e começou suas apresentações aos 4 anos. Trabalha de segunda a segunda e recebe um salário fixo semanal.
O trapezista tem 38 anos; é casado; estudou até a quinta série; não nasceu no circo, mas faz 25 anos que trabalha como trapezista e também interpreta o homem aranha. É contratado e realiza shows em outros circos. Sua remuneração é semanal.
O homem pássaro tem 19 anos e é casado com a contorcionista. Estudou até a sétima série. É filho de circenses e irmão do palhaço e do piloto do globo da morte. Sua remuneração é fixa e semanal.
O piloto do globo da morte tem 15 anos; é solteiro e está estudando no primeiro ano do segundo grau. Nasceu no circo e desde pequeno começou a treinar.

Fonte: dados da pesquisa (2016).

Por meio das descrições apresentadas, observa-se que os participantes possuem características comuns. Apenas o trapezista não é da família. Cinco dos participantes são do gênero masculino, enquanto que 1 é do gênero feminino (contorcionista). Quatro deste são casados e ambos possuem escolaridade baixa, ou seja, não concluíram o Ensino Médio. Cinco delas possuem idade inferior a 30 anos, com exceção do trapezista que tem 38 anos. Todos se apresentam de segunda a segunda e sua remuneração é paga semanalmente de acordo com o número de espetáculos.

4.2 O sentido do trabalho vai começar!

Apresenta-se à seguir parte de uma entrevista em que foi solicitado às participantes que relatassem qual era o sentido do trabalho para eles.

4.2.1 Palhaço: “Meu pai é a quinta geração de circo”.

Eu na verdade na parte de palhaço é mais por causa do divertimento mesmo, ver o público se divertir. Meu pai era palhaço, vem de família já, com quatro anos de idade foi primeira vez que entrei no picadeiro com meu pai. Meu pai e o irmão dele que eram uma dupla de palhaço e eu entrava para fazer a outra disquete junto pequenininho. Aí fui criando o gosto e depois de grande daí comecei a entrar no picadeiro sozinho e me tornei o palhaço. Meu pai é a quinta geração de circo. Minha filha já está ensaiando contorção já, já começa nessa idade. Eu gosto de divertir as pessoas, trabalha de cidade e cidade e conhecer pessoas diferentes e ir fazendo amizades. Eu mexo bastante com o público, aí as vezes tem umas pessoas que não gostam das brincadeiras e sai meia ignorantes. Se tivesse que parar de trabalhar sentiria falta do circo, nasci criado no circo, não tem como ficar sem. Toda a minha família trabalha em circo!

O palhaço relata um momento que viveu na sua infância, quando entrava no palco para fazer uma disquete com seu pai e seu tio, em que foi o momento que começou a gostar do trabalho. Isso faz emergir sentidos subjetivos significativos. Além disso, ele menciona que sua filha também já está ensaiando contorção. Ao relatar sobre sua filha, nota-se um indicador de sentido subjetivo que demonstra a importância de iniciar as atividades na infância, como ele começou e, também do orgulho da continuidade da filha no circo, afinal, esta é a sexta geração do circo.

A subjetividade presente no relato indica processos simbólicos e emoções, aparecendo de forma indireta na qualidade da informação (SILVA; CAPPELLE, 2015). A subjetividade também fica evidenciada na questão da formação familiar, na transmissão intergeracional das atividades do circo tradicional (CUNHA, 2000; SACCHI, 2009; CUNHA, 2010).

Outro trecho de sua fala nos revela o indicador de sentido subjetivo que remete ao prazer e sofrimento no trabalho. No momento em que o palhaço relata que gosta de divertir as pessoas, conhecer pessoas novas e fazer novas amizades e quando “umas pessoas que não gostam das brincadeiras e sai meia ignorantes”.

4.2.2 Malabarista: “eu trabalho com o que gosto de fazer, com o que eu sei fazer”

Eu trabalho com o que gosto de fazer, com o que eu sei fazer. Diverti as pessoas, mostra um espetáculo diferentes em vários lugares diferentes. Fico feliz quando o pessoal gosta, acha uma coisa diferente, quando acha diferente. Muita gente que não presta atenção, hoje com a tecnologia o pessoal vem com telefone e não presta atenção no espetáculo, não está no clima, aí não vê o que a gente faz. Sentir falta do público, do tempo que passa com o público, mostrando alegria e um espetáculo diferente pro público.

O relato do malabarista evidencia que ao mesmo tempo que ele trabalha com o que gosta, nota-se um sentido subjetivo ao afirmar que ele só sabe fazer isso. Observa-se em sua

fala que se ele soubesse fazer outras coisas, poderia trabalhar em outros lugares. Nota-se em sua fala uma preocupação em divertir as pessoas, apresentar espetáculos diferentes, ao mesmo tempo, um sofrimento quando refere que as pessoas ficam no celular e não prestam atenção no espetáculo e não veem o que ele faz.

4.2.3 Contorcionista: “vem no sangue ser circense”

Eu gosto do circo porque eu nasci no circo né, então vem no sangue ser circense. Na cidade é diferente do que no circo. Na cidade é uma coisa e no circo é outra, então tipo o que eu sei fazer é no circo, eu não sei fazer as coisas da cidade, aí já não fecha pra mim, é no circo, tem que ser no circo. Trazer alegria pras pessoas né?! Trazer emoção e também porque eu amo o que eu faço, então ali no picadeira é diferente, é outra coisa sabe, tu tá alegrando o povo, o sorriso do povo né?! e ver que eles estão gostando do que a gente tá fazendo. Quando o pessoal aplaude no final, gosta do meu número. Tem um ditado no circo que diz que o sentido do artista é os aplausos do público. Eu sei como é a vida no circo. Mas o que me deixa triste é quando dá temporal, chuva, sai se chega o circo cai a gente sofre junto porque é nele que a gente vive. Se o temporal derruba o circo, a gente não tem onde trabalhar. O circo é minha paixão, é uma família, como todos unido, as vezes tem umas briguinta mas é normal.

A contorcionista em sua fala revela que não saberia fazer as coisas da cidade, porque nasceu no circo e sabe fazer o que aprendeu no circo desde pequena. Em seu relato aparecem indicadores de sentido que refere-se ao sentimento de não conseguir aprender coisas novas e uma diferenciação entre o trabalho do circo e o trabalho da cidade. Nos trechos seguintes a contorcionista relata o prazer e a alegria do seu trabalho, “tem um ditado no circo que diz que o sentido do artista é os aplausos do público”. Nessa parte do relato nota-se claramente a importância do aplauso, ou seja, do reconhecimento ao trabalho do artista.

A artista relata ainda as dificuldades vivenciadas e o seu sofrimento quando ocorre temporais. Nota-se que ela tem consciência do relato “Se o temporal derruba o circo, a gente não tem onde trabalhar”.

4.2.4 Trapezista: “quando eu entro no picadeiro eu me transformo”

Eu fui criado no circo, não sou circense mas desde pequeno fui criado no circo então, eu fui aprendendo e gostando e, é minha profissão hoje. Eu Trabalho a 25 anos no circo. Bom eu vou te falar a verdade, na minha profissão na minha arte, quando eu entro no picadeiro eu me transformo, é uma coisa gostosa, não tem explicação. Quando você entra no picadeiro você é outra coisa, você se sente o artista, sente os aplausos, se as pessoas estão gostando, se divertindo, não tem preço, isso aqui é um orgulho, me sinto realizado e eu me sinto muito bem. Quando o pessoal bate palmas para mim aí é demais, faz todo sentido, pra mim não tem explicação. Vou te falar a verdade, quanto eu entro no picadeiro, não vejo mais nada, eu presto atenção no meu trabalho entendeu?! Esqueço do resto, eu preciso me concentrar porque trabalho no auto, eu esqueço do show e só vejo quando acaba. E quando o pessoal não aplaude isso é normal, nem sempre a gente agrada todo mundo, cada um tem sua escolha ou gosta ou não. Pra mim eu fiz o meu trabalho. Olha vou te falar a verdade, a minha esposa não quer mais essa vida, nós tá brigando por ela não querer mais essa vida de circo, quer ir embora, não quer mais, e eu tô brigando pra poder ficar, porque eu gosto, por mais dinheiro que eu ganhasse e ia ficar no circo, mexer com circo. Eu

gosto tanto do circo, que já tive uma queda uma vez num espetáculo e tive traumatismo craniano, tenho ainda algumas sequelas que fiquei, mas voltei a fazer o meu trabalho porque eu gosto.

O trapezista relata a sua alegria em entrar no picadeiro, o quanto significa para ele as apresentações e os aplausos e, a concentração que sala apresentação demanda. No trecho emergem sentidos subjetivos que levam a considerar o prazer no trabalho, o reconhecimento por parte das pessoas, a dedicação para fazer uma bela apresentação.

Observa-se que no decorrer do relato que o trapezista compreende que o não recebimento de aplausos ao final da apresentação como normal, “nem sempre a gente agrada todo mundo, cada um tem sua escolha ou gosta ou não”. Nota-se sentidos subjetivos de amadurecimento e consciência quanto ao trabalho realizado.

Ao final de seu relato, observa-se que o trapezista explicita a dificuldade que vem tendo no casamento em razão de querer permanecer no circo, “ela não querer mais essa vida de circo”. Aparece então, um sentido subjetivo que demonstra que a esposa não está feliz com a distância do marido, além do mais com as visitas de cidade em cidade.

Concomitantemente, fica evidenciado a paixão do trapezista pelo circo, ao relatar que por mais que ganhasse muito dinheiro continuaria nessa atividade e também quando menciona do acidente durante o trabalho e que mesmo assim, ele continua fazendo o que gosta. Nessa parte do relato aparece um indicador de sentido que remete ao prazer e satisfação com o trabalho realizado, bem como a importância do trabalho na vida das pessoas.

Oliveira (2014) destaca que o circo era considerado uma organização familiar, no entanto, outros indivíduos que não faziam parte da tradição familiar com o circo, tem ingressado nesse universo artístico, como é o caso do trapezista.

4.2.5 Homem pássaro: “trazer alegria pro pessoal da cidade”

Eu trabalho porque eu gosto e não trocava a vida do circo pra mora em cidade. Acho que nasci e fui criado no circo, nunca pensei em morar em cidade, viver na cidade, não sei como é morar na cidade. Aqui o pessoal não fica triste não. Eu faço meu trabalho porque gosto, gosto de ver a cara do pessoal e vê que ta gostando, trazer alegria né, pro pessoal da cidade que ta toda hora preocupado com isso, preocupado com aquilo, e fica nervoso com isso. E quando chega no circo ele se diverte, esquece de tudo o trabalho lá de fora e se diverte com o circo, esquece dos problemas. Gosto de ser aplaudido, quando o pessoal não aplaude tu já fica naquela não agradou, o pessoal não gostou, quando o pessoal não gosta não é que vaia, mas fica quieto. Fico triste quando o número não agradou e as pessoas não aplaudem. Eu nunca vou parar com o circo, compraria uma casinha na praia, para alugar pras pessoas, e ficaria trabalhando no circo. Muitos falam que quem bebe da água da lona do circo nunca mais sai. Tem gente que é rico e não é feliz. Eu acho que até entraria em depressão porque tu sai do negócio que ta toda hora dando risada, toda hora ta ali com os colegas e vai pra cidade e fica sozinho. Nós aqui no circo todo dia brincamo o outro, um vai ali e conversa com o outro, saímo em dupla, todo mundo junto.

O homem pássaro compartilha do pensamento de outros participantes quanto ao fato de morar na cidade, “aqui o pessoal não fica triste não”. Ainda, relata que o objetivo é trazer alegria e esquecimento dos problemas para as pessoas da cidade que estão preocupadas e nervosas. Em seu relato aparecem três diferentes indicadores de sentido. O primeiro refere-se ao sentimento de medo em morar na cidade. O segundo sentido subjetivo é que as pessoas da cidade são tristes. O terceiro remete-se ao sentimento de trazer alegria para as pessoas da cidade diante do estresse do dia a dia.

Nos trechos seguintes o homem pássaro em seu relato explicita que quando seu espetáculo não agrada as pessoas não irão aplaudir, e isso remete ao sentimento de tristeza. Ainda, em seu relato evidencia que “quem bebe da água da lona do circo nunca mais sai” e “tem gente que é rico e não é feliz”. Nessa parte do relato aparece um indicador de sentido que remete à percepção que o homem pássaro nasceu no circo e ali vai trabalhar por toda sua vida, e por mais que não tenha muitas condições financeiras ele é feliz.

Chegando ao final do seu relato, o homem pássaro afirma que teria problemas de saúde se saísse do circo, destacando que as pessoas da cidade são sozinhas e tristes. Enquanto que no circo as pessoas são felizes e unidas. O discurso do homem pássaro nos remete a forma como o circo vê as pessoas da cidade, e a importância do seu trabalho para trazer alegria e momentos de descontração.

4.2.6 O piloto do globo da morte: “Me orgulho tipo de trabalhar ali, eu gosto muito”

Me orgulho tipo de trabalhar ali, eu gosto muito. Como meu pai e minha mãe são do circo eu tipo morava aqui tinha que aprender. Gosto de ver o pessoal da cidade rindo e se divertindo. Vendo que o pessoal gostou do que estou fazendo e quando se divertem. Pra falar a verdade, fico chateado quando o pessoal não presta atenção, não aplaude. Eu gosto do circo, de ajudar meu pai e minha mãe no circo. Minha família mora aqui no circo, meu pai, minha mãe e meus irmãos, então nossa família está junta.

O piloto do globo da morte em seu relato evidencia o orgulho do trabalho e afirma que como seu pai e sua mãe eram do circo ele tinha que aprender. Essa fala indica que o piloto não teve outra opção de trabalho, precisou aprender e trabalhar no que os pais faziam. Na sequência, o piloto do globo da morte relata que gosta de ver o pessoal da cidade rindo e se divertindo. A fala indica que a preocupação do artista em trazer alegria para as pessoas da cidade.

Ao final do relato, o piloto destaca o sofrimento em seu trabalho, quando as pessoas não aplaudem e não prestam atenção. Evidencia a importância de ajudar seus pais, e estar junto com a família. O piloto do globo da morte, explicita um sentido subjetivo que indica que o fato de ser artista justifica-se por ter nascido nesse ambiente, logo, tinha obrigação de aprender, pois era o negócio dos seus pais e pra ficar junto da família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final desse estudo pode-se afirmar que o sentido do trabalho para os artistas circenses foi melhor compreendido, observando-se a importância que o trabalho tem na vida desses, não apenas pelo seu caráter instrumental, de ganho material, mas também por outros aspectos mais subjetivos, como o sentimento de ser importante para as pessoas da cidade. Os múltiplos sentidos atribuídos ao trabalho são oriundos de experiências e vivências propiciadas pelo encontro desses sujeitos com a realidade do trabalho.

Os relatos dos os artistas circenses indicaram alguns sentidos subjetivos que puderam ser apreendidos em relação ao trabalho que realizam. Conforme se observou, tais relatos convergiram na maioria dos aspectos e indicaram sentidos relacionados a aspectos positivos do trabalho no circo, tais como: prazer, alegria, realização, empatia, coleguismo, força de vontade, flexibilidade, dedicação, confiança, respeito, união e determinação.

Nos relatos, evidenciou-se também que o reconhecimento do trabalho para o artista de circo são os aplausos da plateia e os objetivos consistem em trazer alegria, divertimento, emoção e descontração às pessoas da cidade. Os artistas circenses veem as pessoas da cidade como tristes, sozinhas e preocupadas e, acreditam que o circo tem um importante papel para essas pessoas.

A partir das reflexões propostas, pode-se inferir que estas auxiliam a progredir no sentido de ampliar o entendimento de uma temática ainda pouco discutida nos estudos organizacionais. Assim, acredita-se estar contribuindo para com o avanço do conhecimento, especificamente, pode-se compreender o sentido do trabalho pelo artista circense. Por fim, na linguagem simbólica do circo pode-se dizer? respeitável público, o sentido do trabalho para o artista circense está terminando! Entretanto, não se pode deixar de destacar como limitação da pesquisa, o limite de tempo que o circo ficou na cidade e o fato de não ter entrevistado pessoas de outras culturas, que poderiam apresentar aspectos subjetivos diferenciados. Para pesquisas futuras sugere-se o aprofundamento de questões que revelem ainda mais as relações de trabalho dos artistas circenses e, principalmente, investigar os sentidos do trabalho em outras realidades. Também o comparativo dos achados em diferentes realidades podem auxiliar no avanço dos estudos sobre o sentido do trabalho por meio da especulação sobre as possíveis diferenças e/ou semelhanças entre eles.

Por fim, ciente de que a pesquisa científica caracteriza-se por pequenos avanços que vão sendo agregados a outros, levando ao desenvolvimento da ciência, entende-se que essas contribuições podem permitir avanços, estabelecer novas fronteiras ou abrir novas linhas de

pesquisa. Nessa lógica, a construção deste artigo propôs-se a oferecer suas contribuições, principalmente ao campo dos estudos sobre organizações circenses.

Referências

ANDRADE, S. P. C.; TOLFO, S. R.; DELLAGNELO, E. H. L. Sentidos do Trabalho e Racionalidades Instrumental e Substantiva: Interfaces entre a Administração e a Psicologia. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n.2, 200-216, mar./abr. 2012.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª reimp. São Paulo-SP: Boitempo editorial, 2003.

BENDASOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. Significado do trabalho nas indústrias criativas. **Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 2, 143-159, mar./abr.2010.

BIRON, M.; VELDHOVEN, M. V. Emotional labour in service work: Psychological flexibility and emotion regulation. **Human Relations**, v. 65, n.10, 1259-1282, 2012. DOI: 10.1177/0018726712447832

CODO, W.; SORATTO, L.; VASQUES-MENEZES, I. Saúde mental e trabalho. In: J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & V. B. Bastos (Eds.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil** (p. 277-299). Porto Alegre: Artmed. 2004.

COSTA, M. M. F. A. O velho-novo circo: um estudo de sobrevivência organizacional pela preservação dos valores institucionais. In: Encontro Nacional da ANPAD - EnANPAD. **Anais...** Florianópolis, 2000.

CUNHA, L. E. S. O Show Não Pode Parar: um retrato sobre a arte circense. 2010. 26 f. **Trabalho de conclusão de curso (Bacharel)** – Curso de Comunicação Social e Jornalismo, Departamento de Jornalismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

DUPRAT, R. M. Atividades Circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar. 2007. 61 f. **Dissertação (Mestrado)** – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

HAYES, S.C.; STROSAHL, K.; WILSON, K.G. **Acceptance and Commitment Therapy: an experiential approach to behavior change**. New York: Guilford. 1999.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, 8-19, jul./set. 2001.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, 19, Edição Especial 1: 47-56, 2007.

NATT, E. D. M.; AGUIAR, A. R. C. O Campo da Arte Circense no Brasil. In: Encontro Nacional da ANPAD - EnANPAD. **Anais...** Belo Horizonte. 2015.

OLIVEIRA, J. S. As Emoções como Práticas Políticas: Uma Etnografia Multissituada sobre o Circo Contemporâneo no Contexto Brasil-Canadá. In: Encontro Nacional da ANPAD - EnEO. **Anais...** Gramado/RS, 2014.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. As Tramas Políticas Emocionais na Gênese de Processos Organizativos em uma Organização Circense. In: Encontro Nacional da ANPAD - EnANPAD. **Anais...** Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R.; TEIXEIRA, J. C. Uma Análise da Constituição Discursiva das Organizações Circenses em Revistas de Negócios com base em Michel Pêcheux. In: Encontro Nacional da ANPAD - EnANPAD. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, J. S.; MELLO, C. M. As Lógicas Institucionais no Campo Organizacional Circo Contemporâneo: uma Etnografia Multissituada no Contexto Brasil-Canadá. In: Encontro Nacional da ANPAD - EnANPAD. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014.

OLIVEIRA, J. S.; CAVEDON, N. R. A Produção de Heterotopias Organizacionais no Processo Organizativo do Circo Contemporâneo: Uma etnografia Multissituada no Contexto Brasil-Canadá. In: Encontro Nacional da ANPAD - EnANPAD. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014.

PARKER, M. Organizing the circus: the engineering of miracles. **Organization Studies**, v. 32, n. 4, p. 555-569, 2011.

QUARESMA JÚNIOR, E. A.; SILVA, E. R.; CARRIERI, A. P. As alianças estratégicas no picadeiro da arte/negócio circense. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, n. 3, Edição Especial, p. 101-131, 2014.

REY, G. F. L. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Thomson Learning. 2003.

REY, G. F. L. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In G. F. L. Rey (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia** (pp. 27-51). São Paulo: Thomson Learning. 2005.

ROHM, R. H. D.; LOPES, N. F. O novo sentido do trabalho para o sujeito pós-moderno: uma abordagem crítica. **Cadernos Ebape BR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 332-345 abr./jun. 2015.

SACCHI, W. A identidade saltimbanco.117f. **Dissertação**. Programa de Pós Graduação em Multimeios, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, São Paulo. 2009.

SILVA, K. A. T.; BORGES, G. DE F.; MAFRA, F. L. N.; CAPPELLE, M. C. A. Ser prostituta: o sentido do trabalho moralmente inaceitável. **Gestão organizacional**, Recife/PE, v. 11, n. 2, p.215 -246, maio/set. 2013.

SILVA, K. A. T.; CAPPELLE, M. C. A. Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 16, n. 6, Edição Especial, p. 19-47, 2015.

Revista Pensamento & Realidade

v. 34, n. 1, p. 111-127, jan./mar. 2019 - e-ISSN: 2237-4418

VIANA, E.; MACHADO, M. Sentido do trabalho no discurso dos trabalhadores de uma ONG em Belo Horizonte. In: CONGRESSO UNA DE PSICOLOGIA, I, 2009, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UMA, 2009.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.